



## VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO: DIFICULDADES NA ADAPTAÇÃO À INSTITUIÇÃO E VARIÁVEIS ASSOCIADAS

*Susana Caires & Leandro S. Almeida*  
(Universidade do Minho)

### RESUMO:

Através do presente trabalho pretende-se averiguar as principais dificuldades vivenciadas pelos alunos finalistas de algumas licenciaturas da Universidade do Minho e da Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro às instituições onde desenvolveram o seu estágio curricular. O estudo considerou uma amostra de 65 sujeitos, com um estágio nunca inferior a 6 meses, predominantemente dos cursos de Psicologia, Sociologia das Organizações e de algumas Licenciaturas de Ensino. Cerca de 50% destes alunos não experienciaram dificuldades na sua adaptação contra 31% que as apresentaram a um nível elevado, verificando-se entre os restantes 20% um nível intermédio de dificuldade. As dificuldades mais mencionadas foram a excessiva burocracia e pouca abertura da instituição, a falta de apoio dos vários agentes envolvidos no estágio, e a inexistência de um espaço físico próprio. Nesta comunicação descrevem-se algumas variáveis associadas às dificuldades expressas reportando-nos ao aluno (nível do seu investimento), aos seus supervisores (grau e qualidade do apoio prestado) e instituições envolvidas (recursos e exigências).

**PALAVRAS CHAVE:** Estágio, Supervisão, Desenvolvimento e educação de jovens adultos, Transição universidade-mundo do trabalho

### ABSTRACT

This paper presents the initial results of a research about the main problems felt by the final year college students in their adaptation to the institution for their pre-professional *in training*. The sample is formed by 65 subjects from Psychology, Organizational Sociology and some Teacher Training courses delivered at the Universidade do Minho and the Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. This sample was reduced to the graduations that include an *in training* during a minimum of 6 months. Around 50% of these students didn't feel problems in their adaptation to the institution, against 31% who felt high difficulties and 20% with intermediate level of difficulties. The difficulties most mentioned by these students were the excessive bureaucracy, the restricted openness to outsiders, the lack of support from the supervisors and the absence of a personal place to work (for example, room office). Some personal variables (the students level of investment), the supervision (level and quality of support) and the characteristics of the institution are analyzed too, considering their relationships with the adaptation difficulties.

**KEY WORDS:** In training, Supervision, Young-adults development and education, University-work transition

## INTRODUÇÃO

Tomando como referência as concepções de Egan e Cowan (1980; cit. por Menezes *et al.*, 1989), que definem transição em termos de desenvolvimento psicológico como um “período de conflito de papéis em dois estádios claramente definidos; por implicarem a conclusão ou modificação de relações interpessoais; por um questionamento pessoal aos vários níveis da existência e pelo iniciar de novos padrões de vida” e, tendo em conta algumas das vivências dos alunos durante o estágio, podemos considerar esta etapa do seu percurso como um período de transição. O afastamento do meio académico e de uma rede social consolidada ao longo dos anos iniciais e intermédios do curso, o “vestir a pele” de um profissional, ou ainda, a adaptação a uma instituição com uma rotina, cultura, relações e normas distintas, são exemplos de algumas das exigências inerentes à experiência de estágio. Evidentemente que, olhando a organização dos *curricula*, espera-se a aquisição de todo um conjunto de competências (cognitivas, sociais, emocionais...) que permitam ao estudante fazer frente aos múltiplos desafios colocados no âmbito do estágio. A verdade, no entanto, é que diversas dificuldades estão presentes entre os alunos estagiários, indiciando uma menor preparação ou, inclusive, a presença de alguma imaturidade entre estes.

Tendo em conta a diversidade de situações e tarefas a realizar, e a conseqüente riqueza da experiência pessoal e social em causa, espera-se que, pelo menos para a grande maioria dos estudantes, o estágio possa constituir um marco importante na exploração, clarificação e resolução de algumas questões inerentes às diversas tomadas de decisão e compromissos associados à entrada no “mundo adulto”. Um dos desafios que poderão contribuir de forma significativa para as necessárias aquisições a realizar durante este período, em parte por constituir um dos principais cenários da actual e futura actuação destes indivíduos, diz respeito ao processo de integração na instituição onde é desenvolvido

o seu estágio. Tratando-se esta, de acordo com Stumpf (1989), de um sistema complexo, combinando de múltiplas formas as dimensões humana e técnica, e sendo esta combinação factor determinante de aspectos como o tipo de comunicação estabelecida, a qualidade das relações emergidas, os níveis de produção atingidos, a satisfação ou não das necessidades colectivas e individuais, é pois num cenário rico em desafios que se irá desenrolar (para a maioria) a primeira abordagem do mundo profissional.

Ao entrar no mundo do trabalho, o estagiário vai ter que estabelecer relações com vários profissionais (que não apenas da sua área de conhecimento), vai ter que ser capaz de adaptar a sua postura (linguagem, atitudes, modo de vestir...) ao meio em que se enquadra, ou ainda, aplicar e “pôr à prova” os conhecimentos anteriormente adquiridos, dando mostras de um trabalho satisfatório à avaliação a que se encontra permanentemente sujeito. A par destes desafios surgem ainda o ter que cumprir os horários e rotinas da instituição, a aquisição de novos hábitos e atitudes de trabalho, assim como, a aprendizagem de regras, a familiarização com os recursos disponíveis e com as formas de chegar até estes (Stumpf, 1989; Caires, no prelo). Por este conjunto de aspectos, o estágio representa um contexto privilegiado de mudanças em termos da identidade pessoal e profissional destes indivíduos: de estudantes passam agora a profissionais com funções bem delineadas, com expectativas (da instituição e dos seus supervisores) relativamente ao seu desempenho e com responsabilidades acrescidas.

Subjacentes ao nível de adaptação à actual situação, assim como, à rentabilização desta experiência sob o ponto de vista formativo e desenvolvimental, poderão estar diversos factores, associados às características do próprio indivíduo, do meio e/ou das circunstâncias em que se desenrola a experiência de estágio. Referimo-nos aqui, mais especificamente, a aspectos como as características da instituição de acolhimento (sua cultura, tipo de comunicação existente, grau de abertura a novos ele-

mentos...), o tipo de apoio/supervisão prestados (relação pessoal e profissional com os seus supervisores, qualidade do apoio e recursos disponibilizados...), ou ainda, das competências adquiridas e das expectativas dos indivíduos relativamente a si próprios, ao curso e ao mundo do trabalho. No que diz respeito a esta última dimensão, Wanous (1980; cit. por Stumpf, 1989) refere o papel determinante das expectativas dos indivíduos em relação àquilo que é a organização e o que esta lhes poderá vir a dar. A importância de tais expectativas manifesta-se não apenas no momento da selecção da instituição de estágio, como também no grau de investimento nas tarefas de integração, formação e produção dentro da mesma, constituindo também a supervisão, o tipo de *feedback* dado e o grau de desafio/estimulação factores de (des)investimento nesta primeira abordagem do mundo profissional.

Face ao exposto e na sequência dos trabalhos anteriores, constituem objectivos deste estudo a análise dos primeiros dados da aplicação de uma nova versão do inquérito reportado às vivências do estágio em estudantes do Ensino Superior, assim como, uma inventariação da frequência, intensidade e tipos de dificuldades de adaptação destes alunos à instituição de estágio. Para este último aspecto, pretende-se conhecer em que medida algumas das variáveis anteriormente mencionadas, mais concretamente as condições oferecidas pela instituição, a satisfação com a supervisão recebida e o grau de investimento do estagiário, se associam às suas dificuldades de adaptação à instituição de estágio. Por razões óbvias, parte-se do pressuposto que tais dificuldades serão mais significativas e frequentes quando tais factores não se encontram presentes ou devidamente conjugados na experiência de estágio.

## METODOLOGIA

### A AMOSTRA

O estudo partiu de uma amostra constituída por um total de 65 alunos da Universidade do Minho e da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, finalistas dos cursos de

Psicologia, Sociologia das Organizações e de algumas Licenciaturas de Ensino. Todos estes alunos encontravam-se a finalizar o seu estágio curricular no momento em que foram contactados. No quadro I descrevemos a amostra deste estudo com base nos inquéritos que nos foram devolvidos.

### QUADRO I - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA SEGUNDO O SEXO E IDADE

Sexo	N	Méd.	D.P.	Mín.	Máx.
<b>Masculino</b>	12	24.9	1.83	22	28
<b>Feminino</b>	53	24.7	3.13	22	38
<b>Global</b>	65	24.7	2.92	22	38

### PROCEDIMENTOS

Os inquéritos foram distribuídos e recolhidos no final do ano lectivo de 1996/97, por intermédio dos responsáveis pelo acompanhamento destes alunos (supervisores da universidade e da instituição de estágio, directores de curso e presidentes das comissões de estágio). Este pedido de colaboração foi acompanhado pela explicitação dos conteúdos, objectivos e procedimentos do estudo. Vários inquéritos foram enviados pelo correio, directamente para a instituição onde se encontravam a estagiar alguns destes alunos, tendo-nos sido posteriormente entregues pelos supervisores de estágio, aquando da sua vinda à universidade. Situações houve em que a entrega foi feita pelos próprios alunos, nomeadamente naqueles casos em que optaram pelo seu preenchimento fora do espaço académico ou de estágio.

### INSTRUMENTO

Os dados que fundamentam o presente estudo foram recolhidos por intermédio do *Inventário de Vivências e Percepções de Estágio- Versão Ensino Superior (I.V.P.E.-E.S)*, de Susana Caires e Leandro S. Almeida (1997), instrumento concebido a partir de um estudo

preliminar levado a cabo com base numa versão experimental do mesmo. Numa primeira versão (Caires & Almeida, 1996), este instrumento surgiu com um total de 34 itens, construído de acordo com um formato *likert* (de 5 pontos- *não concordo a concordo totalmente*), grande parte deles (mais de 50%) seguidos por uma questão aberta, a partir da qual era procurado que o sujeito clarificasse ou justificasse a sua resposta. Tendo em conta a larga extensão desta primeira versão, assim como algumas dificuldades inerentes à sua codificação (análise qualitativa, formação específica dos potenciais utilizadores, custos temporais...), optou-se pela construção de uma versão abreviada, na qual foram eliminadas grande parte das questões abertas. De um modo geral o inquérito organiza-se pela apresentação inicial de uma questão no formato *likert*, seguida de especificações várias que o sujeito pode escolher e assinalar para justificar e enquadrar a resposta dada anteriormente. As especificações agora introduzidas decorreram das categorias constituídas a partir das respostas abertas na primeira versão do inquérito.

Em resumo, as alterações introduzidas na nova versão do instrumento procuraram, por um lado, diminuir o tempo de aplicação do inventário e, por outro, reduzir a complexidade da cotação e análise das respostas. Desta forma, o seu uso e rentabilização poderá ser mais generalizável em termos dos seus potenciais utilizadores.

## RESULTADOS

Tomamos neste estudo as respostas dos estudantes a alguns dos itens do questionário. A escolha incidiu nas questões mais ligadas às variáveis que, em nosso entender e de acordo com os objectivos destes estudo, mais se poderiam associar às dificuldades sentidas, ou não, na adaptação à instituição de estágio.

Quanto ao índice de dificuldade sentido na adaptação à instituição de estágio a amostra surge dividida em 3 grupos: um primeiro formado por 31 alunos (48%) que refere a ausência de dificuldades, um segundo formado por 13 alunos (20%) que afirmam ter sentido difi-

culdades a um nível intermédio e, um terceiro grupo, constituído por um total de 20 alunos (31%) que apontam um elevado nível de dificuldades de adaptação à sua instituição de estágio. De referir que um sujeito da amostra não respondeu a este item.

Das 13 dificuldades facultadas aos alunos como possíveis respostas, 18 destes (28%) não assinalaram qualquer dificuldade, outros 18 (28%) assinalaram de 1 a 2 dificuldades, tendo igual percentagem (28%- 18 alunos) apontado entre as 3 e 5. De referir ainda a presença de 11 alunos (17%) que assinalaram entre 6 e 8 dificuldades.

Quanto à natureza das dificuldades inerentes a esta adaptação, representadas no quadro II, de salientar uma maior incidência de alunos que apontaram como principais dificuldades os elevados níveis de burocracia existentes, a pouca abertura da instituição a novos elementos, a falta de apoio sentida por parte dos vários agentes envolvidos no seu estágio e, finalmente, a inexistência de um espaço físico próprio.

## QUADRO II- FREQUÊNCIA E NATU- REZA DAS DIFICULDADES DE ADAP- TAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Dificuldades	n	%
Excessiva burocracia	19	29
Regras demasiado rígidas	12	19
Pouca abertura a novos elementos	19	29
Excessivo controlo da sua actividade	10	15
Dificuldades em trabalhar em equipa	15	23
Falta de apoio dos vários agentes	19	29
Baixa autonomia	16	25
Inexistência de um espaço físico próprio	19	29
Instituição grande e complexa	12	19
Dificuldades na linguagem a utilizar	7	11
Horários e rotinas	11	17
Não acesso a informação	12	19
Outros	10	15

Dado o N da amostra não ser elevado e em face de um número reduzido de alunos a pontuarem os níveis mais baixos de insatisfação, as próximas análises, relacionando o nível de dificuldade de adaptação com outras variáveis, passam a considerar apenas dois grupos: um primeiro constituído pelos alunos bastante ou muito satisfeitos com os seus supervisores internos e externos, e os moderadamente satisfeitos ou insatisfeitos com tal supervisão. Cruzando os níveis de dificuldade de adaptação com a satisfação do supervisor (através do procedimento qui-quadrado) assiste-se a uma associação significativa entre as duas variáveis: alunos com mais dificuldades de adaptação revelam menor satisfação com a sua supervisão externa, e vice-versa (qui-quadrado=10.12;  $df=2$ ;  $p<.01$ ). Uma relação similar é encontrada tomando agora a supervisão interna contudo, o coeficiente obtido não se apresenta estatisticamente significativo (qui-quadrado=5.65;  $df=2$ ;  $p=.06$ ). Este último valor mostra-se quase significativo e por isso mesmo deve ser descrito de uma forma mais pormenorizada. Se em relação aos alunos com poucas dificuldades a maioria apresenta elevada satisfação com o seu supervisor, os alunos com muitas dificuldades repartem-se equitativamente por uma apreciação positiva e negativa do seu supervisor interno. Este dado parece sugerir que outras razões mais relevantes do que o seu supervisor interno determinam, pelo menos em parte, as dificuldades de adaptação à instituição de estágio.

Em relação ao grau de investimento que os alunos acabam por realizar durante o seu estágio em comparação com o anos anteriores do curso, 18 alunos (28%) apontam uma diferença elevada comparativamente ao resto do seu curso, 24 alunos (37%) assinalam uma diferença bastante acentuada, 18 (28%) situam-se a um nível intermédio enquanto que os restantes 4 alunos (6%) não apontam diferenças a este nível. De referir, ainda, que 1 aluno não respondeu a este item. Quanto ao sentido desta dife-

rença, assinala-se que 53 alunos (82%) assinalam um maior investimento pessoal no estágio, tendo apenas 7 alunos (11%) referido um decréscimo comparativamente ao resto do curso. Os restantes 5 não mencionam o sentido da diferença percebida.

Dada a distribuição dos dados, e da mesma forma que em itens anteriores, consideramos apenas dois grupos de alunos quanto ao nível de diferença sentido no seu investimento. Assim sendo, temos um grupo formado por aqueles alunos que percebem fraca ou intermédia diferença (22 alunos) e um outro formado pelos alunos onde a diferença se fez sentir de forma bastante ou muito acentuada (42 alunos). Cruzando o nível de dificuldades de adaptação à instituição com o nível de investimento no estágio não se encontrou uma diferença estatisticamente significativa na proporção de sujeitos (qui-quadrado=1.57;  $df=2$ ;  $p=.46$ ). Mais uma vez se verifica que a larga maioria dos alunos que experienciam poucas ou nenhuma dificuldades de adaptação percebem o seu investimento no estágio como superior aos anos anteriores, repartindo-se os alunos que apresentaram maiores dificuldades de adaptação pelos níveis alto, baixo e moderado de investimento. Podemos pensar, portanto, que as dificuldades de adaptação se poderão atribuir a outras variáveis que não essencialmente as diferenças de investimento por parte do aluno, muito embora se deva igualmente considerar a hipótese de a uma menor adaptação corresponder uma diminuição no investimento. No que se refere aos 7 alunos que mencionaram uma diferença, mas agora no sentido de um menor investimento durante a realização do estágio comparativamente ao colocado no resto do curso, 1 deles não apresenta dificuldades, 2 alunos apresentam dificuldades intermédias e 4 alunos apresentam elevadas dificuldades.

Questionados quanto aos recursos disponibilizados pela instituição de estágio (espaço, condições de trabalho, material, informação

fornecida...), verifica-se que 15 alunos (23%) se mostram pouco ou nada satisfeitos, 21 alunos (32%) referem uma satisfação intermédia, enquanto que outros 29 alunos (45%) manifestam um nível bastante ou um muito elevado de satisfação. Cruzando o nível de dificuldades de adaptação à instituição com o nível de percepção dos recursos por esta disponibilizados, não se encontra uma relação estatisticamente significativa (qui-quadrado= 7.49; df=4; p=.11). Também aqui as principais diferenças podem ser observadas quando comparamos o nível de satisfação dos alunos em relação aos recursos disponibilizados com as suas maiores ou menores dificuldades de adaptação à instituição. Enquanto os alunos sem dificuldades apresentam, em larga maioria, satisfação elevada com os recursos disponibilizados, os alunos com maiores dificuldades de adaptação repartem-se de uma forma quase equitativa pelos 3 níveis de satisfação enumerados face aos recursos disponibilizados.

Partindo do quadro III, referente ao nível de desgaste geral (ou físico e psicológico) sentido por estes alunos no final do seu estágio, devemos desde já referir a sua separação em dois grupos: um primeiro constituído por aqueles alunos que se auto-percepcionaram como bastante ou muito acordo com a presença de um desgaste em geral, e físico e psicológico em particular, e um segundo formado pelos que manifestaram um nível intermédio de acordo ou, inclusive, de desacordo face à vivência de tais desgastes. Cruzando o nível de dificuldades de adaptação com a existência ou não de desgaste, podemos observar que em relação ao desgaste geral, os resultados não apresentaram uma relação estatisticamente significativa (qui-quadrado= 0.39; df=2; p=.82). Mesmo assim, em qualquer um dos 3 grupos, distribuídos em função dos níveis de dificuldades de adaptação vivenciadas, é claramente superior a percentagem dos que vivenciam desgaste. Estes valores são extensíveis quer ao desgaste físico (qui-quadrado=2.51; df=2; p=.29), quer ao desgaste psicológico (qui-quadrado= 0.91; df=2; p=.64).

### QUADRO III- PERCEPÇÃO DE DESGASTE FÍSICO E PSICOLÓGICO, E GERAL (FREQUÊNCIAS)

Nível de Desgaste	Geral	Físico	Psicológico
1	1	3	1
2	3	4	8
3	12	17	15
4	30	29	24
5	18	10	16
nr	1	2	1

nr- não responderam

As frequências registadas para os 5 níveis de desgaste sugerem que entre 40 a 50% dos alunos experienciaram os três tipos de desgaste em apreço. O número dos que perceberam muito desgaste suplanta de uma forma muito clara o número dos que apontam pouco ou nenhum desgaste.

Em face do maior número de alunos que expressam bastante ou muito acordo com a afirmação de que as exigências inerentes à prática de estágio contribuíram para algum desgaste, analisamos um conjunto de 14 diferentes causas apontadas como podendo estar na origem do desgaste pelos alunos. Apenas 2 alunos não assinalaram qualquer causa. Entre os restantes, de referir a existência de 12 alunos que assinalaram 1 ou 2 causas, 40 que referiram 3 a 5 causas, e outros 11 que apontaram a presença de 6 ou mais causas. No quadro IV descrevem-se as percentagens de alunos que assinalaram cada uma das causas facultadas no inquérito. É aqui igualmente apresentado o valor do qui-quadrado (Q.Q.), e respectiva probabilidade, consoante o grau de dificuldades sentidas na adaptação à instituição de estágio.

#### QUADRO IV- CAUSAS SUBJACENTES AO DESGASTE SENTIDO

Causas	N	%	Q.Q.	Sign.
Alterações de sono	36	55	0.35	ns
Alterações de apetite	19	29	0.70	ns
Deslocações diárias	30	46	5.55*	.06
Excesso de responsabilidade	16	25	5.47*	.06
Excesso de trabalho	39	60	3.26	ns
Ausência de trabalho	6	9	nc	-
Ausência de desafios	8	12	nc	-
Separação dos colegas/universidade	18	28	0.87	ns
Mau ambiente relacional	4	6	nc	-
Ausência de perspectivas de emprego	18	28	10.1	p<.01
Medo do mundo profissional	14	22	5.63	.06
Maiores encargos económicos	19	29	6.69	p<.05
Apoio insuficiente	10	15	2.17	ns
Outras	7	11	nc	-

nc- não calculado face ao reduzido número de efectivos  
ns- não significativos estatisticamente

Tomando a frequência de respostas, verificámos que as 3 causas mais mencionadas, algo mais ou em torno de 50% dos inquiridos, foram o excesso de trabalho, as alterações de sono e as deslocações diárias para a instituição. Menos que 10% dos inquiridos apontam a ausência de trabalho (tempos mortos) e o mau ambiente relacional como estando na origem do desgaste sentido.

De acordo com estes dados, parece haver uma associação entre as dificuldades de adaptação dos alunos à instituição de estágio e algumas variáveis que os estudantes associavam mais ao seu desgaste. Incluem-se, aqui, as ausências de perspectivas de emprego e os encargos económicos inerentes ao estágio. Uma relação quase significativa pode apontar-se com as variáveis deslocações diárias, excesso de responsabilidades no estágio e medo do mundo profissional.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face de alguns dos condicionalismos metodológicos nomeadamente o N pouco expressivo e diversificado da amostra tomada, optamos por tecer alguns comentários e retirar algumas ilações - mais do que conclusões - face aos resultados obtidos.

Partindo-se da vivência, pelos alunos, de dificuldades na sua adaptação à instituição de estágio podemos afirmar que cerca de metade dos inquiridos apontaram essas dificuldades, acrescentando a maioria tratarem-se de bastantes ou muitas dificuldades. A elevada taxa de dificuldades merece alguma reflexão por parte dos organizadores e supervisores desta fase de formação e desenvolvimento dos estudantes, em face das nossas considerações no início do artigo.

A associação significativa observada entre maiores dificuldades de adaptação à instituição de estágio e uma maior insatisfação por parte destes alunos relativamente ao seu supervisor externo, parece de certa forma confirmar o papel determinante deste último na integração dos alunos estagiários na instituição onde vão desenvolver a sua prática. Para além do apoio que este lhes possa prestar em termos profissionais, podendo surgir como um modelo de actuação, este poderá constituir um importante meio de acesso à multiplicidade de recursos existentes na instituição de acolhimento. Referimo-nos, aqui, não apenas aos recursos físicos, como sejam a informação necessária ao normal desenrolar da sua actividade ou a existência de um espaço físico próprio onde estas possam ser desenroladas (gabinete, secretária...), mas também à dimensão mais social ou interpessoal, remetendo esta para o tipo de relações estabelecidas com as chefias, órgãos de direcção ou qualquer outro membro/profissional daquela instituição. Com isto pretendemos afirmar o importante papel do supervisor, e particularmente numa fase inicial, no estabelecimento dos primeiros contactos e na determinação da qualidade das relações edificadas neste contexto, e no atingir ou não de alguns dos objectivos pessoais, sociais e profissionais inerentes à experiência de estágio (desenvolver competências técnicas e práticas, alargar de competências de comunicação, relacionamento interpessoal...).

No que se refere ao grau de satisfação registada entre os sujeitos da amostra relativamente aos recursos disponibilizados pela instituição de estágio, e tendo em conta a tendência verificada para que entre os alunos com menores dificuldades de adaptação os níveis de satisfação relativamente a este aspecto sejam maiores, poder-se-á pensar que uma melhor adaptação poderá estar associada a uma maior “conquista de terreno” por parte destes alunos a qual poderá ter facilitado o acesso aos recursos da instituição. Resta saber se tal “conquista” poderá ter sido o resultado de uma maior competência destes alunos a esse nível, se resultou do terreno já conquistado pelo seu supervisor, previamente à sua entrada, e que lhe facilitou o acesso a tais recursos, ou ainda, à elevada abertura da própria instituição a

novos elementos e à valorização do seu papel enquanto membro (na grande maioria das vezes provisório) da mesma e em consequência, à disponibilização das condições necessárias ao adequado desenrolar da sua actividade. Uma última questão que se poderá aqui colocar surge quando, ao longo das relações entre dificuldades de adaptação e variáveis analisadas, se possa ser tentado a determinar qual a causa e qual o efeito. Por exemplo, será que são os recursos disponibilizados pela instituição que promovem uma melhor adaptação à instituição, ou será que é a real integração dos sujeitos naquela instituição que leva a que tenha um mais fácil acesso aos recursos da mesma? Tratando-se de um estudo coorelacional não se torna possível responder a este tipo de questões. Desde já, e independentemente de novos cruzamentos dos diferentes itens do inquérito, importa atender ao facto de que cerca de 50% dos estudantes da amostra experienciaram dificuldades na sua adaptação à instituição de estágio e que tais dificuldades aparecem de algum modo estar associadas a variáveis menos pessoais e mais da organização do próprio estágio (supervisão e características/exigências da instituição).

## BIBLIOGRAFIA

- Caires, S. & Almeida, L.S. (1996). Avaliação de estágios curriculares: contributos para a operacionalização de uma escala. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Eds.). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. (Vol. IV, pp. 61-68). Braga: APPORT.
- Caires, S. (no prelo). Estágio curricular: transição para uma nova etapa do desenvolvimento vocacional dos jovens adultos em contexto universitário. Braga.
- Menezes, I; Matos M. & Costa M. E. (1989). Consulta Psicológica em grupo e transição univerversidade- mundo do trabalho. *Cadernos de Consulta Psicológica* 5, 95-102.; (1989)
- Stumpf, S. A. (1989). Towards a heuristic model of career management. *International Journal of Career Management*, 1, 1, 11-20.